

## Vulnerabilidades individuais e racionais entre adolescentes de uma escola pública

Individual and rational vulnerabilities among adolescents from a public school

**Sthefany Aurora Dias Cand' Sousa**

Graduanda do curso de Enfermagem (UNIPAM). e-mail: sthefany\_131\_@hotmail.com

**Cleide Chagas da Cunha Faria**

Professora orientadora (UNIPAM). e-mail: cleide@unipam.edu.br

---

**Resumo:** O estudo objetivou identificar e descrever situações de vulnerabilidades individuais e racionais entre adolescentes de uma escola pública. Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva, transversal, com abordagem quantitativa. 131 alunos de idade entre 12 e 18 anos responderam ao questionário. Os dados foram analisados por estatística descritiva com frequências absolutas e percentuais. A iniciação sexual já havia ocorrido em 41% dos meninos e 32% das meninas, e destes, 20% e 27%, respectivamente, não faziam uso de preservativos durante as relações. O uso do álcool foi relatado por 49% dos meninos e 57% das meninas, e de drogas ilícitas, por 18% meninos e 10% meninas. Tais resultados refletem situações de vulnerabilidades na população estudada, podendo impactar diretamente em sua qualidade de vida e saúde; e podem ainda apontar a presença de dúvidas pelos adolescentes e carência por abordagens eficazes de profissionais, necessitando de estratégias pedagógicas inovadoras que direcionem e motivem melhores escolhas pelos adolescentes.

**Palavras-chave:** Vulnerabilidade. Adolescentes. Fatores de Risco.

**Abstract:** This study aimed to identify and describe situations of individual vulnerability of adolescents from a public school. It is a survey, cross-sectional quantitative approach. 131 students aged 12 to 18 answered the questionnaire. The data were analyzed by descriptive statistics with absolute frequencies and percentages. Sexual initiation had occurred in 41% of boys and 32% of girls, and of these, 20% and 27%, respectively, did not use condoms during the sexual intercourse. The use of alcohol was reported by 49% of boys and 57% of girls, and illicit drug use, by 18% boys and 10% girls. These results reflect situations of vulnerability in the studied population and may have a direct impact on their quality of life and health. They may also indicate the presence of doubts by adolescents and a lack of effective approaches of professionals needing to use innovative teaching strategies that guide and motivate best choices for adolescents.

**Keywords:** Vulnerability. Adolescents. Risk factors.

---

## 1. Introdução

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescente os indivíduos de 12 a 18 anos de idade (BRASIL, 1990). Essa é considerada uma fase de diversas mudanças, descobertas, edificação de conceitos e personalidade, julgada, então, como de muitas vulnerabilidades (SILVEIRA *et al.*, 2011).

Para Oviedo e Czeresnia (2015), a vulnerabilidade se configura em uma dinâmica de interdependências entre as dimensões biológicas, existenciais e sociais, de maneira recíproca. Dessa forma, uma situação de vulnerabilidade resultará na fragilização do indivíduo.

Considerando que a vulnerabilidade representa um aspecto de fragilidade nos indivíduos e ponderando alguns contextos, Ayres *et al.* (2009) afirmam que é possível classificá-la em individual, racional, social e programática. É considerada individual quando a vulnerabilidade está relacionada a comportamentos; racional, quando ligada a informações específicas, condutas ou práticas; social, quando vinculada à religião, ao gênero, às relações econômicas, à exclusão social, entre outros; e programática, quando relacionada aos serviços de saúde e à forma como estes lidam para reduzir os fatores de vulnerabilidade.

Diferentes estudos têm demonstrado situações de vulnerabilidades entre adolescentes, como a iniciação sexual precoce e desprotegida, as baixas taxas de uso de métodos contraceptivos, o uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas e até situações de violência sexual (JESUS *et al.*, 2011, SILVEIRA; SANTOS, 2012).

Nesse sentido, Faria Filho *et al.* (2015) reforçam que, no Brasil, o interesse no consumo de substâncias químicas entre os adolescentes tem aumentado, de modo a atingir índices perturbadores, trazendo riscos irremediáveis ao futuro dos mesmos.

A falta de informações adequadas e de reflexões por parte dos adolescentes e, sobretudo, a falta de ações eficazes de prevenção e promoção a sua saúde refletem principalmente nos altos índices de gravidez, de IST (Infecção Sexualmente Transmissível), de violência, de uso de drogas, de abandono escolar, entre outros prejuízos nessa faixa etária em nosso país (MARTINS; SOUZA, 2013). Para Amoras, Campos e Beserra (2015), tais situações geram sérios problemas à saúde dos adolescentes que, se não tratados corretamente, podem resultar até mesmo em óbito.

Analisando essa realidade, é notável, cada vez mais, a apreensão por diferentes profissionais da saúde em relação à identificação das situações de vulnerabilidades que cercam os adolescentes, devido à carência de estratégias voltadas para essa fase e às necessidades que a mesma possui de partilha de informações, de esclarecimento de dúvidas e orientações frente às situações de risco a que estão expostos (JESUS *et al.*, 2011).

Nessa perspectiva, tornam-se necessários a renovação e o maior investimento nas ações em saúde pública, com colaboração de profissionais da saúde e da educação e também da família, utilizando-se de instrumentos como a mídia em divulgações e campanhas para conscientização quanto à orientação e proteção dos adolescentes frente às vulnerabilidades. Na abordagem ao adolescente, é importante adotar métodos prazerosos que lhes despertem interesse, provocando reflexões acerca de temas em saúde, sobretudo relacionados a essas vulnerabilidades (REIS *et al.*, 2013).

Sendo assim, é importante que sejam estabelecidas parcerias entre as escolas e as unidades de saúde, buscando maior aproximação entre essas instituições e o fortalecimento do vínculo com o adolescente. Para que as práticas direcionadas a essa população se tornem mais eficazes e tenham resultados positivos, é necessário que os profissionais de saúde e da educação sejam capacitados a conhecer as especificidades da adolescência e, assim, estejam preparados para uma abordagem integral (MARTINS; SOUZA, 2013).

Diante do exposto, o presente trabalho objetivou identificar e descrever situações de vulnerabilidades individuais e racionais dos adolescentes de uma escola pública no município de Patos de Minas – MG.

## 2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de campo descritiva, transversal, com abordagem quantitativa. A coleta de dados foi realizada em uma escola pública do município de Patos de Minas – MG, escolhida por conveniência devido a maior proximidade, sendo, conseqüentemente, de maior facilidade de acesso. Tal escola consiste em uma instituição estadual que comporta uma média de 2050 alunos entre ensino fundamental e médio, além de contar com turmas noturnas de supletivo com educação para jovens e adultos.

Em uma primeira visita à escola, foram convidados a participar da pesquisa todos os adolescentes, considerando a faixa etária do ECA, matriculados nas sete turmas (345 alunos) do 1º ano do ensino médio, diurno, no ano de 2016. No momento, a pesquisadora apresentou os objetivos do estudo e o procedimento que constava, em caso de concordância na participação, de assinatura do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) pelo responsável e Termo de assentimento pelo adolescente. Nesse dia, foi também agendada com os alunos uma segunda visita para recolher uma das vias do TCLE e do Termo de assentimento assinados e aplicar um questionário objetivo, instrumento de coleta escolhido.

Em uma segunda visita, foram recolhidos 134 termos de assentimento e o TCLE assinados, e foi aplicado o questionário. Esse questionário continha dados de identificação socioeconômicos (1ª parte) relacionados ao adolescente e uma 2ª parte com perguntas fechadas relacionadas a comportamentos quanto ao consumo de drogas lícitas e ilícitas e à sexualidade.

Após recolher os questionários preenchidos, três foram anulados, pois se encontravam preenchidos erroneamente ou faltando dados significantes; os demais foram analisados a partir de sucessivas leituras para compreensão e apreensão das informações citadas pelos participantes da pesquisa. Portanto, a população em estudo totalizou 131 adolescentes. Em seguida, tais dados foram categorizados e analisados, por meio de estatísticas descritivas como frequências absolutas e percentuais, e apresentados em tabelas, utilizando o software Microsoft Excel – 2010.

O projeto foi autorizado pela escola pesquisada e aprovado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) do Centro Universitário de Patos de Minas, sob parecer nº 1.429.122/ 2016.

### 3. Resultados e discussão

Neste estudo, a população feminina foi predominante, 82 (62,6%) entre os 131 adolescentes pesquisados. Todos os participantes se declararam solteiros. Quando questionado com quem eles residiam, a maioria, 111 (84,5%), referiu viver com ambos os pais e irmãos, conforme descrito na tabela 1.

**Tabela 1** – Distribuição dos adolescentes de 1º ano de uma escola pública quanto ao número de familiares de sua residência. Patos de Minas, 2016

Com quem residem	Participantes	
	N	%
Pais e irmãos	111	84,5
Somente mãe	6	4,6
Somente pai	1	0,8
Tios	2	1,6
Avós	4	3,1
Não referiram	7	5,4
<b>TOTAL</b>	<b>131</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Dados coletados pelo autor, 2016.

A adolescência é considerada uma época de definições importantes e construções de hábitos influenciáveis no presente e no futuro do bem-estar do indivíduo (LIMA *et al.*, 2015).

Segundo Viner *et al.* (2012), a família é importante fonte de apoio não só na infância como também na adolescência, porém, na maioria dos casos, o que poderia ser um ambiente de diálogo com trocas de experiências e conhecimento entre gerações se torna um local com frequentes desentendimentos e afastamento. Para os autores, a boa interação e as relações afetivas entre familiares tendem a baixar os índices de uso de álcool, cigarro e comportamentos violentos entre os adolescentes, além de apresentarem o início das atividades sexuais mais tardiamente.

Conforme Macedo e Conceição (2015), quando a comunicação em casa é conflituosa, os jovens se afastam de seus familiares, evitando o convívio, o que fragiliza e vigora a ideia de crise na adolescência. Por manterem a ideia de que os pais não os entendem, eles buscam então aumentar suas relações sociais em outros grupos. Nessas circunstâncias, os adolescentes tornam-se mais vulneráveis a comportamentos como o consumo de drogas, delinquência e relações sexuais desprotegidas (MONTEIRO *et al.*, 2012). Percebe-se, então, a importância do apoio familiar, do exemplo e da educação oferecida nessa fase da vida.

Analisando a renda familiar, 15 (11,4%) alunos relataram até um salário mínimo; 83 (63,4%), entre dois e três salários mínimos; 28 (21,4%), de quatro a dez salários mínimos; quatro (3%) disseram que a renda familiar é acima de dez salários mínimos; e um (0,8%) não referiu. Em consequência do desenvolvimento emocional e físico ao qual o jovem é sujeito durante a fase de adolescência, ele já se encontra em situações de vulnerabilidade, necessitando, assim, de apoio e proteção física, psíquica e moral. De-

vido à desigualdade econômica, social e política no Brasil, muitas famílias se encontram em situação socioeconômica desfavorável, não sendo, então, capazes de supervisionar e dar o apoio necessário aos seus filhos, o que aumenta as situações de risco (PESSALACIA; MENEZES; MASSUIA, 2010).

Conforme Monteiro *et al.* (2012), condições de vulnerabilidades são frequentemente encontradas na adolescência, muitas vezes, de modo precoce, e geralmente são influenciadas por fatores socioeconômicos, podendo trazer grandes prejuízos ao crescimento e desenvolvimento dessa população, o que alerta para a necessidade de reflexão e apoio.

Neste estudo, 46 (35%) adolescentes afirmaram iniciação sexual. Desses, 12 (26,09%) alunos referiram iniciação entre 10 e 13 anos e 34 (73,91%) entre 14 e 16 anos. Semelhante a esse resultado, Campos, Schall e Nogueira (2013), com uma amostra de 60.973 alunos de 9º ano, com idades entre 13 e 15 anos, de escolas públicas e privadas em 26 capitais brasileiras, verificaram que, no Brasil, cerca de 30,5% dos adolescentes já haviam iniciado suas relações sexuais. Os meninos se sobressaíram tanto quanto ao início de atividade sexual como na idade de iniciação quando comparados com as meninas, situação que se assemelha e reforça os resultados obtidos neste estudo de que a iniciação sexual precoce está mais presente no sexo masculino.

A tabela 2 mostra a distribuição dos adolescentes participantes quanto a sua iniciação sexual, ao uso de preservativos e outros métodos contraceptivos, separando-os de acordo com o sexo.

**Tabela 2** – Distribuição dos adolescentes de 1º ano de uma escola pública quanto à iniciação sexual, ao uso de preservativos e outros métodos contraceptivos. Patos de Minas, 2016.

	Sexo				Total N
	Masculino		Feminino		
	N	%	N	%	
<b>Já teve relações sexuais</b>					
Sim	20	41	26	32	46
Não	29	59	56	68	85
<b>Uso de preservativos</b>					
Sim	15	75	19	73	34
Não	4	20	7	27	11
Não referiu	1	5	0	0	1
<b>Uso de outros métodos contraceptivos</b>					
Sim	0	0	15	58	15
Não	0	0	11	42	11

Fonte: Dados coletados pelo autor, 2016

Ainda no estudo de Campos, Schall e Nogueira (2013), verificou-se que entre aqueles adolescentes que relataram já terem iniciado sua atividade sexual, 75,9% utilizaram o preservativo em sua última relação sexual. Neste estudo, o uso durante as re-

lações foi citado por 74% deles. Em uma pesquisa realizada com estudantes adolescentes em Minas Gerais, Silveira e Santos (2012) também verificaram que a iniciação sexual já havia ocorrido para a maioria pesquisada e, desses, uma proporção importante não utilizava métodos contraceptivos.

Quando questionados sobre o uso de anticoncepcionais de emergência (pílula do dia seguinte), 95 (72,51%) alunos, entre meninos e meninas, relataram sequer conhecer o método. Quanto ao uso de outros métodos contraceptivos que não preservativos, 11 (73,33%) relataram uso de pílulas orais, três (20%) de anticoncepcional injetável e um (6,67%) relatou o método de tabelinha.

Resultados como os citados evidenciam situações de vulnerabilidade relacionadas à saúde sexual dos adolescentes e estão diretamente ligados aos casos de gravidez precoce e de ISTs. Segundo Lopes e Barbosa (2015), a falta de orientação e acompanhamento adequados aos adolescentes os deixa mais expostos a diversos perigos, destacando-se o risco de contrair diversas doenças, incluindo o HIV-AIDS (Vírus da Imunodeficiência Humana - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida).

São bem comuns relatos de dificuldades quanto ao uso de preservativos e às informações sobre as ISTs entre os jovens. É indispensável que os adolescentes sejam bem orientados para que se inicie a atividade sexual em momento apropriado, consciente, com segurança, evitando a contaminação e a transmissão de doenças e também a ocorrência de uma gravidez indesejada (AMORAS; CAMPOS; BESERRA, 2015).

Muitas vezes, isso se dá devido à apreensão e à aversão que os pais apresentam em abordar o tema com os filhos ou mesmo à vulgarização do assunto e, conseqüentemente, à falta de conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos, o que é indispensável nessa fase em que os interesses sexual e afetivo têm sido observados cada vez mais precocemente (MOURA *et al.*, 2015). Diante dessa situação de comunicação deficitária entre familiares, os adolescentes recebem informações sobre sexualidade, na maioria das vezes, apenas na escola. Muitos pais se acomodam em esperar especificamente que tais informações venham apenas dos profissionais de educação.

Do total dos participantes, 33 (25,19%) alunos referiram nunca ter participado de ações educativas com abordagens sobre sexualidade, 45 (34,35%) adolescentes disseram que não retiram suas dúvidas sobre o assunto e a maioria, 62 (47,33%), conversa com amigos sobre o tema.

Conforme estudo em 2013, no Brasil, cerca de 87,5% dos escolares da rede pública e 89,4% da rede privada receberam informações escolares sobre AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis (CAMPOS; SCHALL; NOGUEIRA, 2013). O resultado condiz com nossos resultados em que a maioria dos adolescentes relatou ter participado de palestras ou oficinas sobre o tema, porém não se sabe o tipo de informações fornecidas nem sua profundidade e abordagem utilizada.

Para Moura *et al.* (2015), as ações voltadas para a população de adolescentes necessitam ser mais lúdicas, para interesse e maior aceitação dos mesmos, se necessário em abordagem grupal. Parcerias entre escolas e serviços de saúde apresentam maior eficácia e facilidade nas ações, e professores e profissionais da saúde em conjunto podem desenvolver projetos que deixem esses adolescentes mais à vontade frente a suas dúvidas, tornando a transição entre infância e idade adulta mais tranquila e saudável.

Atividades de discussão grupal, por exemplo, podem ser excelentes escolhas, pois permitem expressão de sentimentos e compartilhamento de experiências de forma aberta e livre (PEDROSA *et al.*, 2015). Zeitoune (2012) reforça que essas atividades podem levar o adolescente a reflexões que visem melhores escolhas e evitem consequências irreversíveis em suas vidas, potencializando a autoestima e a importância de seus projetos de vida. Entretanto, é preciso ter cuidado na abordagem dos temas para que as informações não tragam aos adolescentes interesses contrários aos buscados.

A tabela 3 mostra a distribuição dos adolescentes participantes quanto ao uso de álcool e de drogas ilícitas, quanto às frequências de consumo e às drogas utilizadas.

**Tabela 3** - Distribuição dos adolescentes de 1º ano de uma escola pública quanto ao uso de álcool e de drogas ilícitas. Patos de Minas, 2016

	Sexo				Total N
	Masculino		Feminino		
	N	%	N	%	
<b>Fez uso de álcool</b>					
Sim	24	49	47	57	71
Não	25	51	35	43	60
<b>Frequência de uso</b>					
Raramente	13	54	37	79	50
Mensalmente	4	17	2	4	6
Semanalmente	5	21	3	6	8
Diariamente	2	8	5	11	7
<b>Fez uso de drogas ilícitas</b>					
Sim	9	18	8	10	17
Não	40	82	74	90	114
<b>Frequência de uso</b>					
Raramente	9	100	7	88	16
Diariamente	0	0	1	12	1
<b>Droga ilícita de uso</b>					
Maconha	7	78	7	88	14
LSD*	4	44	2	25	6
Lança Perfume	1	11	1	13	2
Ecstasy	1	11	1	13	2
Crack	0	0	1	13	1
Cocaína	0	0	1	13	1
Não referido	1	11	0	0	1

\* LSD (Dietilamida do Ácido Lisérgico)

**Fonte:** Dados coletados pelo autor, 2016.

Ao analisar a idade de iniciação do consumo de álcool pelos adolescentes que declararam o uso, 17 (24%) relataram início entre os 11 e 13 anos de idade, 37 (52%) entre 14 e 16 anos e 17 (24%) não referiram. Já em relação às drogas ilícitas, três (18%)

disseram ter iniciado o consumo entre 12 e 13 anos, nove (53%) alunos disseram entre 14 e 16, e cinco (29%) não referiram. Ainda em relação às drogas, oito (6%) adolescentes disseram nunca ter participado de ações educativas sobre o tema, enquanto 123 (94%) disseram que participaram de palestras ou programas educativos.

Em um estudo realizado por Monteiro *et al.* (2012) com 196 adolescentes, encontrou-se uma prevalência de 17,9% que faziam o consumo de drogas, sendo esse consumo geralmente em casas de amigos (42,9%), boates e bares (34,3%), com início principalmente entre 14 a 16 anos (57,1%). De acordo com Lopes *et al.* (2014), o consumo precoce e contínuo de drogas compromete os indivíduos em diferentes fases da vida, influenciando em suas relações sociais, familiares e até mesmo em seu trabalho quando adultos.

Nesta pesquisa, observa-se também o uso do álcool como principal entre as drogas, assim como o uso da maconha entre as drogas ilícitas, corroborando com os resultados de um estudo realizado com 965 alunos de 50 escolas públicas estaduais de São Paulo, em que se verificou que 570 (62%) disseram não ter usado nenhuma substância, 208 (22,6%) fizeram uso exclusivo de álcool, 24 (2,6%) usaram tabaco, 54 (5,9%) declararam o uso combinado de álcool e tabaco e 63 (6,9%) declararam ter usado alguma droga ilícita, sendo a maconha a droga ilícita mais utilizada entre os que citaram o uso (CARDOSO; MALBERGIER, 2014).

O consumo de álcool é uma das principais vulnerabilidades encontradas entre os adolescentes. Por ser uma substância legal, apesar de proibida a menores de 18 anos, é muito comercializada e a população tem fácil acesso, estando geralmente ligada a interações sociais em que muitos ambientes favorecem o consumo (SILVA; PADILHA, 2011).

Segundo um estudo de Pasuch e Oliveira (2014), em que foi realizada a revisão literária de 13 artigos elaborados segundo dados de diferentes regiões do Brasil, o álcool e o tabaco são as principais drogas utilizadas entre os adolescentes, e geralmente as primeiras a serem experimentadas, sendo, na maioria dos casos, o primeiro contato ocorrido em suas próprias residências, onde os familiares permitem e/ou até oferecem bebidas alcoólicas e cigarros a eles.

O consumo de álcool comumente antecede o uso de drogas ilícitas. A utilização dessas substâncias ilícitas se destaca entre as vulnerabilidades dos adolescentes, com maior prevalência de consumo entre homens, com graves consequências decorrentes e diretamente ligadas a casos de acidentes, suicídios, violência, tráfico e dificuldades de inserção no mercado de trabalho, influenciando nos índices de morbimortalidade (LIMA, 2012).

Em um estudo realizado com 50.890 estudantes de rede pública e privada de ensino fundamental e médio nas 27 capitais brasileiras, observou-se uma maior porcentagem por alunos das escolas privadas usando drogas em geral, porém, estes o citam, na maioria, como sendo o consumo uma vez na vida, uma vez ao ano ou uma vez ao mês, ao contrário do que se evidenciou nas escolas públicas que, apesar de contar com menor número de adolescentes citando o consumo por drogas, segundo os dados da pesquisa, apresentam maiores índices de uso frequente (seis ou mais vezes em 30 dias) e pesado (20 ou mais vezes em 30 dias), quando comparados aos de escolas particula-

res, ou seja, há maior envolvimento com drogas por alunos de escolas públicas em geral (CARLINI *et al.*, 2010).

No estudo de Neto, Fraga e Ramos (2012), realizado com 2499 adolescentes de 17 anos, o principal motivo para uso de drogas referido pelos participantes foi a curiosidade (77,5%), seguido pelo relato de busca por boas sensações (30,9%) e uma pequena proporção (10%) citou o consumo para inserção e/ou não exclusão em grupos. Além disso, também são inclusos nesse contexto os problemas familiares e os relacionamentos nos ambientes de moradia. O profissional de saúde precisa, então, conhecer a realidade na qual esses adolescentes estão inseridos, para agir de forma adequada, considerando as necessidades e dificuldades presentes (MOURA *et al.*, 2015).

Lima *et al.* (2015) ressaltam a carência nos serviços de saúde e de educação na assistência aos adolescentes e concluem que são necessárias novas formas de abordagem que permitam o conhecimento dessa faixa etária para passar pelos desafios e criar programas capazes de gerar reflexões nos adolescentes, atendendo às necessidades e especificidades de todos.

Nesse contexto, o Programa de Saúde na Escola aponta avanços, pois se trata de uma estratégia de integração da saúde e educação que tem como objetivo contribuir para a formação integral de crianças e jovens da rede pública de ensino por meio de ações de promoção, prevenção e atenção à saúde, com vistas ao enfrentamento das vulnerabilidades.

#### 4. Conclusão

A partir dos resultados encontrados, verificou-se que a iniciação sexual é precoce entre os adolescentes pesquisados e é maior entre os meninos. Verificou-se ainda que uma proporção importante de adolescentes sexualmente ativos não utiliza preservativos na relação sexual e muitos desconhecem alguns dos métodos contraceptivos.

O álcool foi a droga lícita mais utilizada e citada pelos adolescentes, tanto meninos quanto meninas. Entre as drogas ilícitas, o uso da maconha se encontrava em primeiro lugar. Tais resultados refletem situações de vulnerabilidades na população estudada, podendo impactar diretamente em sua qualidade de vida e saúde. Podem, ainda, apontar a presença de dúvidas pelos adolescentes e a carência por abordagens eficazes que tragam orientações adequadas aos mesmos.

Sendo assim, sugere-se o uso de estratégias pedagógicas como oficinas, grupos e jogos interativos nas escolas, como opção entre as ações do enfermeiro, enquanto profissional da equipe de saúde da família, buscando direcionar reflexões e escolhas mais adequadas, uma vez que se faz rara a busca dos adolescentes pelos profissionais nos serviços de saúde.

As ações de saúde voltadas para o público escolar são relevantes, já que a adolescência é um período de grandes mudanças que provocam conflitos e alterações comportamentais. Pensando na superação das vulnerabilidades no contexto escolar, o Programa de Saúde na Escola apresenta avanços importantes por buscar entre suas estratégias não só compreender as particularidades desse público em específico, mas

também incluir a ação conjunta entre as equipes de saúde, com participação do enfermeiro e da equipe da escola (BRASIL, 2009).

## Referências

AMORAS, B. C.; CAMPOS, A. R.; BESERRA, E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá*, v. 8, n. 1, p. 163-71, 2015. Disponível em:

<<http://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/1668/camposv8n1.pdf>>.

Acesso em: 23 out. 2015.

AYRES, J. R. C. M. *et al.* O conceito de vulnerabilidade e as práticas em Saúde. Novas perspectivas e desafios. *In: CZERESNIA, D.; MACHADO, C. Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Saúde na escola*. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União; 1990. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 22 out. 2015.

CAMPOS, H. M.; SCHALL, V. T.; NOGUEIRA, M. J. Saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: interlocuções com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v.37, n. 97, p. 336-46, 2013. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n97/v37n97a15.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

CARDOSO, L. R. D.; MALBERGIER, A. Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, Maringá, v. 18 n. 1, p. 27-34, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n1/v18n1a03.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2016.

CARLINI, E. L. A. *et al.* VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras. *SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas*, 1. ed. Brasília-DF, 2010. Disponível em:

<[http://www.antidrogas.com.br/downloads/vi\\_levantamento.pdf](http://www.antidrogas.com.br/downloads/vi_levantamento.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2016.

FARIA FILHO, E. A. *et al.* Perceptions of adolescent students about drugs. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Goiânia, v. 68, n. 4, p. 457-63, 2015. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v68n3/0034-7167-reben-68-03-0517.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

JESUS, F. B. *et al.* Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre (RS), v. 32, n. 2, p. 359-67, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rngenf/v32n2/a21v32n2.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2015.

LIMA, E. H. Gênero, masculinidades, juventudes e uso de drogas: contribuições teóricas para a elaboração de estratégias em educação em saúde. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 7, n. 2, p. 279-89, 2012. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume7\\_n2/Lima%2C\\_Eloisa\\_Helena\\_de.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume7_n2/Lima%2C_Eloisa_Helena_de.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2015.

LIMA, E. H. *et al.* Adolescência e Saúde: indicadores do uso de álcool e outras drogas a partir de um estudo multicêntrico. *Revista Tecer*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, ago. 2015. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/revistas/Metodista-IH/RT/v08n14/v08n14a01.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

LOPES, G. T. *et al.* Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica, *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2014.

LOPES, A. O. S.; BARBOSA, J. A. Vulnerabilidade de adolescentes de uma instituição pública de ensino ao vírus da imunodeficiência humana. *Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 42-9, jan./mar. 2015. Disponível em: <[http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=482](http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=482)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

MACEDO, E. O. S.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Significações sobre Adolescência e Saúde entre Participantes de um Grupo Educativo de Adolescentes. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1059-73, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n4/1982-3703-pcp-35-4-1059.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2016.

MARTINS, C. B. G.; SOUZA S. P. S. Adolescente e Sexualidade: as possibilidades de um projeto de extensão na busca de uma adolescência saudável. *Avances en enfermería*, Bogotá, v. 31, n. 1, p. 170-6, jan./jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-45002013000100016&lang=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002013000100016&lang=pt)>. Acesso em: 19 nov. 2015.

MONTEIRO, C. F. S. *et al.* Adolescentes e o uso de drogas ilícitas: um estudo transversal. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 344-8, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/4105/2881>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

MOURA, J. R. A. *et al.* Conversas de adolescentes sobre drogas e sexualidade: um relato de experiência. *Revista Intertox-EcoAdvisor de Toxicologia Risco Ambiental e Sociedade*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 117-30, jun. 2015. Disponível em: <<http://revistarevinter.com.br/index.php/toxicologia/article/view/204/420>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

NETO, C.; FRAGA, S.; RAMOS, E. Consumo de substâncias ilícitas por adolescentes portugueses. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 46, n. 5, p. 808-15, 2012.

OVIEDO, R. A. M.; CZERESNIA, D. O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial, *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, n. 53, p. 237-49, 2015.

PEDROSA, S. C. *et al.* Educação em Saúde com Adolescentes Acerca do Uso de Álcool e Outras Drogas, *Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro*, v. 5, n. 1, p. 1535-41, 2015.

PESSALACIA, J. D. R.; MENEZES, E. S.; MASSUIA, D. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. *Bioethikos*, v. 4, n. 4, p. 423-30, 2010. Disponível em: <[http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/80/Bioethikos\\_423-430\\_.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/80/Bioethikos_423-430_.pdf)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

PASUCH, C.; OLIVEIRA, M. S. Levantamento sobre o uso de drogas por estudantes do ensino médio: Uma revisão sistemática. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 183-95, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9218/2/Levantamento\\_sobre\\_o\\_uso\\_de\\_drogas\\_por\\_estudantes\\_do\\_ensino\\_medio\\_Uma\\_revisao\\_sistematica.pdf](http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/9218/2/Levantamento_sobre_o_uso_de_drogas_por_estudantes_do_ensino_medio_Uma_revisao_sistematica.pdf)>. Acesso em: 06 out. 2016.

REIS, D. C. *et al.* Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, 2013.

SILVA, S. E. D.; PADILHA, M. I. Atitudes e comportamentos de adolescentes em relação à ingestão de bebidas alcoólicas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1063-9, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a05.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

SILVEIRA, R. E. *et al.* Oficinas com adolescentes na escola: uma estratégia de educação em saúde. *Nursing*, São Paulo, v. 14, n. 157, p. 334-38, 2011.

SILVEIRA, R. E.; SANTOS A. S. Contextos de vulnerabilidade entre adolescentes do ensino fundamental de Uberaba/MG. *Enfermagem em Foco*, Brasília, v. 3, n. 4, p. 182-85, 2012. Disponível em: <<http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/viewFile/380/171>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

VINER, R. M. *et al.* Adolescence and social determinants of health. *The Lancet*, v. 379, n. 9826, p. 1641-52, 2012.

ZEITOUNE, R. C. G. *et al.* Knowledge of teenagers about licit and illicit drugs: a contribution to community nursing. *Escola Anna Nery*, v. 16, n. 1, p. 57-63, jan./mar. 2012. Disponível em: < <http://www.readcube.com/articles/10.1590%2Fs1414-81452012000100008>>. Acesso em: 17 nov. 2015.